

O JOGO DE BOLA DE QUEIMADA

Eliane Matos de Moura Pinheiro da Silva¹

Manoel Francelino da Silva Filho

Renata Cristina Neves Góes²

Suzi Silva Valle³

RESUMO: A essência da moralidade consiste nas regras e no respeito que temos por elas. Assim, deslocamos o foco deste artigo para as etapas de conscientização das regras do jogo de queimada, pois acreditamos que é a partir desse conhecimento que podemos compreender as atitudes das crianças e das pessoas. É por isso que declaramos que só podemos viver bem em sociedade se pudermos respeitar as regras e normas que nela se aplicam e compreender o seu real significado. No final das contas, devemos tentar compreender por que existe uma determinada regra e se ela é realmente para o bem comum. Porém, essa compreensão não é dada nem comunicada, ela é construída para que o sujeito se sinta parte integrante do processo de construção dessas regras. Para isso, estudaremos como ocorre esse processo de conscientização. De uma perspectiva, a Motricidade Humana busca compreender e transformar a sociedade por meio de estruturas éticas e coletivas e do respeito por si mesmo e pelos outros, e pela moralidade. Propusemos especificamente a estudar a moral das crianças nas escolas para conhecer e analisar o respeito das crianças pelas regras do jogo de

1895

¹ Graduada em Pedagogia na Educação Infantil e Séries Iniciais pelo Centro Universitário Varzeagrandense – UNIVAG, Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

² Graduada em Pedagogia pela Faculdades Integradas Mato-Grossenses de Ciências Sociais e Humanas – ICE, Especialista em Educação Infantil e Alfabetização pela Faculdades Integradas de Várzea Grande – FIAVEC, Especialista em Psicopedagogia Intitucional pela Faculdades Integradas de Várzea Grande – FIAVEC.

³ Graduada em Educação Física pe a Universidade de Cuiabá – UNIC.

futebol. O jogo de bola queimada, é uma manifestação cultural e muito praticado pelas crianças.

Palavras-chave: Jogo bola queimada. Motricidade Humana. Regras.

ABSTRACT: The essence of morality consists of the rules and the respect we have for them. Therefore, we shift the focus of this article to the stages of raising awareness of the rules of the game of dodgeball, as we believe that it is from this knowledge that we can understand the attitudes of children and people. That is why we declare that we can only live well in society if we can respect the rules and norms that apply there and understand their real meaning. Ultimately, we must try to understand why a certain rule exists and whether it is truly for the common good. However, this understanding is not given or communicated, it is constructed so that the subject feels an integral part of the process of constructing these rules. To do this, we will study how this awareness process occurs. From one perspective, Human Motricity seeks to understand and transform society through ethical and collective structures and respect for self and others, and morality. We specifically set out to study children's morals in schools to understand and analyze children's respect for the rules of the game of football. The dodge ball game is a cultural event and is widely played by children.

1896

Keywords: Dodge ball game. Human Motricity. Rules.

1. INTRODUÇÃO

Com a elaboração deste artigo buscamos conhecer e analisar o respeito que as crianças têm pelas regras do jogo de bola queimada.

No esforço de compreender a temática apresentada, listamos os seguintes objetivos específicos: (1) relacionar as atitudes em situações de jogo à moralidade do sujeito; (2) identificar se as crianças têm consciência das regras (elementares) para se jogar o jogo de bola queimada. Portanto, podemos dizer que é a partir da consciência social que tais crianças possuem e conhecendo-a, que o professor conseguirá elaborar situações de ensino que poderão promover nos estudantes sentido e significado na aprendizagem, contribuindo para a compreensão de sua motricidade e desenvolvimento de sua moral. 1897

Para tanto, o trabalho será fundamentado nos estudos sobre o Juízo Moral na criança que Jean Piaget apresentou, além disto buscaremos apresentar a relação entre a moralidade e a Motricidade Humana apresentada por Manuel Sérgio.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O jogo

Sérgio (1991) expõe, uma das manifestações corporais que a Motricidade Humana engloba é o jogo, por ser um elemento integrante da cultura humana. Por se tratar do nosso objeto de

estudo nesta pesquisa e para investigarmos a prática e a consciência das regras, o destacamos para compreendê-lo um pouco melhor.

É necessário, portanto, explicitarmos aqui os quatro níveis para prática das regras e os três níveis para a consciência da regra. Piaget investigou a prática de regras ao observar o comportamento das crianças enquanto jogavam, ou perguntando sobre as regras daquele jogo, e para avaliar a consciência que elas possuíam sobre estas regras, pediu que explicassem as razões de seus atos.

Acerca do processo de desenvolvimento da prática das regras, o primeiro estágio é “puramente motor e individual” (PIAGET, 1932, p. 33), ou seja, nesta fase a criança faz a “simples aplicação funcional dos esquemas de ação” (FERRAZ, 1997, p. 29). 1898

O segundo estágio pode ser entendido como “egocêntrico” (PIAGET, 1932, p. 33). Neste momento, a criança recebe a regra do exterior e acaba fazendo apenas uma “imitação superficial”, ou seja, não sente necessidade de cumprir com as regras. Nesta fase, mesmo as crianças juntas, cada uma joga por si mesma, sem se preocupar com parcerias.

Portanto, não se busca vencedor ou perdedor, busca-se somente conseguir realizar a atividade e ter satisfação.

O terceiro estágio pode ser chamado de “cooperação nascente” (PIAGET, 1932, p. 33), ou seja:

[...] nesta etapa a regra normatiza realmente as ações entre os competidores e, ao prazer motor que se apresentava no nível anterior, acrescenta-se o gosto pela vitória sobre o oponente, respeitando-se rigorosamente as regras do jogo. Portanto, a criança passa a ser fiel às regras vigiando cuidadosamente seus oponentes sendo, neste caso, o não cumprimento das regras um delito grave (FERRAZ, 1997, p. 29).

Mas ao mesmo tempo, durante a mesma partida, ainda prevalece uma variação considerável das regras gerais do jogo, pois quando o grupo é interrogado separadamente, dão informações diferentes e quase contraditórias das do companheiro.

1899

O quarto estágio é o da “codificação das regras” (PIAGET, 1932, p. 33). Conforme Ferraz (1997, p. 29):

[...] nesta última fase a criança demonstra grande interesse pela regra em si e por possíveis estratégias para tirar proveito e vencer dentro do cumprimento da própria regra. Não raro são as manifestações no sentido de elaborarem ou discutirem novas regras e estratégias de jogo.

Portanto, daí em diante, o grupo dará informações de concordância. Afinal, a regra é coletiva e precisa ser respeitada. Mas ao mesmo tempo, pode variar conforme o consentimento mútuo.

Acerca do desenvolvimento da consciência das regras, pode ser expresso em três estágios, sendo que o primeiro está totalmente veiculado ao primeiro estágio da prática das regras; o segundo se inicia durante a fase egocêntrica e termina próximo à metade do

estágio da cooperação e o terceiro abrange o final deste estágio de cooperação e o conjunto do estágio da codificação das regras.

O primeiro estágio pode ser definido como “não obrigatoriedade”. De acordo com Ferraz (1997, p. 29): “como o próprio nome define, neste primeiro nível a criança não dá qualquer valor à necessidade da regra”. Afinal, ainda não tem o desenvolvimento intelectual para isso. Sobre a origem das regras, é entendida como uma criação divina ou paterna.

O segundo estágio pode ser chamado de “obrigatoriedade sagrada”, onde “a regra é considerada como sagrada e intangível, de origem adulta e de essência eterna; toda modificação proposta é considerada pela criança como uma transgressão” Ferraz (1997, p. 29). Portanto, neste estágio não são admitidas variações de regras.

O terceiro estágio pode ser entendido como “obrigatoriedade devido ao consentimento mútuo”. (...) “enfim, a regra é considerada como uma lei imposta pelo consentimento mútuo, cujo respeito é obrigatório, se deseja ser leal, permitindo-se, todavia, transformá-la à vontade, desde que haja o consenso geral” Ferraz (1997, p. 29).

Pode-se perceber afinal, que a evolução da prática da regra não se dá somente no aumento de número de regras (quantitativo),

mas essencialmente, uma mudança expressa pela consciência (qualitativa).

Os estágios da prática e da consciência das regras são interdependentes, ou seja, a criança depende da ação, para que possa refletir sobre esta e a seguir, elaborar sua próxima ação, melhorando-a. Isso quer dizer que, a criança leva para o plano do pensamento aquela atitude, e reelabora para uma próxima ação “melhorada”.

O jogo, é uma manifestação muito praticada pelas crianças e também, como um meio muito significativo para que ocorram trocas cognitivas entre elas e reflexões de um sujeito sobre a sua ação. Mencionamos aqui, assim, o jogo como conteúdo nas aulas de Educação Física. Dessa maneira, ele é entendido como um saber construído histórica, cultural e socialmente, organizado de forma sistemática para ser ensinado por meio de um processo pedagógico.

1901

O jogo como um dos grandes eixos das manifestações corporais visto como conteúdo desta disciplina, para ser estudado pode ser organizado em diversas categorias.

Palma et al, (2008) destacarem que existe apenas os Jogos Populares, pois entendemos aqui que não existe jogo que não seja popular, ou seja, que não seja conhecido e jogado por uma parte majoritária da sociedade em diversos lugares e de diversas maneiras. [...] “uma parte expressiva da população tem conhecimento sobre

determinado jogo, sendo esse conhecimento, na maioria das vezes, advindo do senso comum” (SANTOS, 2009, p. 7).

E neste sentido, o subdividimos em jogos de perseguição, jogos com corda e jogos de disputa. Ainda assim, contamos com os jogos como amarelinha, peteca, bets e bola queimada (que não se encaixam nas categorias subdivididas).

Compreendemos, que todo jogo popular como conteúdo da Educação Física possui origem e/ou histórico, nomenclatura, forma tradicional de jogar (regra básica), táticas e estratégias de jogo, 1902 variações (propostas pelo professor) e reelaborações (ação dos estudantes).

A bola queimada pode ter diferentes nomenclaturas, como por exemplo, “caçador, baleado, mata-mata” (SANTOS, 2009, p. 7), depende da região em que está sendo jogada.

No tocante ao surgimento deste jogo, a versão mais aceita diz respeito ao:

[...] treinamento do exército do rei Papius, que era preparado para lutar contra a invasão dos bárbaros na Papônia, que se localizava no norte da Europa Meridional. Uma das atividades desse treinamento era os arremessos de bolas de fogo. Seria esse reino o único que não foi tomado pelos bárbaros. A partir dessa conquista, iniciou-se uma comemoração anual, onde na programação acontecia um festival de queimada, onde os homens podiam lembrar seus feitos (SANTOS, 2009, p. 8).

Tal manifestação foi modificando-se, tendo em vista os diferentes contextos em que a sociedade vive e viveu e, atualmente, o local para o jogo de bola queimada é um terreno de forma retangular, dividido ao meio e deve ter um espaço ao fundo com a denominação de “campo dos queimados”.

O número de jogadores varia conforme as convenções locais. São duas equipes, sendo que cada uma deve ocupar um lado do retângulo e um jogador de cada equipe fica na linha de fundo, como “reserva”, no lado oposto da sua equipe.

1903

Para iniciar o jogo, os dois reservas tiram “pô”. Quem ganhar escolhe bola ou campo. Feito isso, os dois reservas voltam para a linha de fundo e aquele quem teve a posse da bola, com a mão, espera o apito do professor para iniciar a partida. O objetivo é queimar o máximo de adversários possível. Será vencedor, o grupo que queimar todos os integrantes da equipe adversária primeiro.

Ao ser dado o sinal de início, o jogador a quem coube a bola, tenta entregar a bola ao seu time que tem o objetivo de atirá-la ao campo contrário com o propósito de “queimar” algum adversário.

Se o conseguir sem que a bola seja agarrada antes de tocar o chão, pelo jogador tocado ou por algum companheiro do time dele, o jogador atingido é considerado queimado e deve sair do seu campo, colocando-se na linha de fundo, “campo dos queimados”.

Ao queimar o primeiro adversário, o reserva pode escolher entrar no seu campo para que tenha a oportunidade de jogar também nesta posição, a qualquer momento.

A bola que, depois de não haver tocado em nenhum jogador, rola ou salta pelo terreno, pode ser recolhida por qualquer jogador, para ser arremessada novamente contra o grupo adversário. A bola pode também, ser recolhida por um adversário “queimado”, a quem, neste caso, se permite apanhá-la e atirá-la a um companheiro seu ou queimar o adversário. O jogador só é “queimado” se a bola bater nele e cair no chão, do contrário, se o jogador for atingido, a bola continuar no ar, e ele agarrar, não será “queimado”.

Neste jogo, como se vê, é de grande importância a cooperação entre os jogadores para que consigam realizar seu objetivo.

Por esse motivo, este jogo foi selecionado para que pudéssemos realizar nosso artigo, pois ao necessitar de cooperação, os jogadores precisam se relacionar bem com seus colegas, colocando-se no lugar deles. E na moralidade, como vimos, isso é fundamental. Ela só acontece, na medida em que existe cooperação, afinal, ela busca o bem comum.

CONCLUSÃO

Ao iniciarmos este artigo, nos propusemos a responder a pergunta: “Qual a consciência e a prática das crianças sobre as regras do jogo de bola queimada?” Por meio do objetivo de conhecer e analisar o respeito que as crianças têm ou não pelas regras do jogo de bola queimada. Esse tema surgiu, depois que paramos para analisar a sociedade na qual estamos vivendo, pois é sabido que muitas pessoas, nos dias de hoje, acreditam que a moral passou a não mais existir, pois os pais têm cada vez menos transmitido esses valores aos seus filhos e este pode ser um desencadeador dos conflitos nas escolas, nas ruas, enfim, na sociedade em geral.

1905

Dessa forma, pensamos ser o mais adequado pesquisarmos diretamente a consciência das regras, já que sabemos que a essência da moral é constituída por um conjunto de regras e pelo respeito que adquirimos por ela. E para iniciarmos, foi necessário fazer um estudo bibliográfico sobre a moral, a tomada de consciência, a Educação Física e o jogo.

Sendo assim, notamos que somente poderemos viver bem em sociedade se conseguirmos respeitar as regras e normas vigentes nela e se compreendermos seu real significado. Afinal, a moral é muito mais ampla do que somente respeitar as regras.

É necessário que busquemos compreender o porquê de sua existência e se realmente é para o bem coletivo. Somente que esta noção não é dada e nem transmitida, é construída à medida que o sujeito se sente parte integrante no processo de construção dessas regras. E para que a pessoa consiga tomar estas atitudes morais, é necessário que ela esteja no plano do pensamento mais elaborado, ou seja, tomar consciência de suas ações. Para isso, investigamos como ocorre este processo da tomada de consciência.

1906

À medida que construímos este artigo, pudemos perceber que a tomada de consciência parte de um nível mais primitivo até um mais elaborado, complexo. Conseguimos perceber isto principalmente nas transcrições e análise das entrevistas, nas quais foi possível verificar nitidamente os estágios de consciência das regras em que se encontravam as crianças. Afinal, não conseguimos identificar realmente, o estágio que a criança estava por meio de apenas uma pergunta, para termos certeza foi preciso fazer diversas perguntas e vê-las jogando.

Durante o jogo pareciam ter compreendido a maioria das regras, mas na hora de falar sobre, tiveram muita dificuldade. E isso poderá ser possível, também, quando os professores promoverem aos alunos o conflito cognitivo, afinal o que traz a ação externa para

o mundo interior do sujeito, são as perguntas que ele faz para si mesmo. Desse modo, o processo de tomada de consciência será desencadeado.

Verificamos assim, que não há uma moralidade para cada situação, portanto, dentro de uma escola, não há uma moral para cada disciplina. Neste sentido, dizemos que a moralidade é um conteúdo transversal a todas as disciplinas e à escola de uma forma geral, já que a escola prepara os estudantes para a realidade da sociedade e conseqüentemente, o viver bem em comunidade.

1907

Contudo, desejamos que este artigo abra caminhos para diversos outros, a fim de continuar a investigar o processo de tomada de consciência e a moralidade humana para contribuir de maneira mais significativa, não só no ensino desta disciplina, como para uma melhor compreensão e viver em sociedade.

REFERÊNCIAS

BECKER, F. **Da ação à operação: o caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire.** Porto Alegre: Palmarinca, 1993.

BRINGUIER, J. C. **Conversando com Jean Piaget.** Rio de Janeiro: Difel, 1978.

FERRAZ, O. L. **O desenvolvimento da noção de regras do jogo de futebol.** Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. 1997.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Esporte.** In: CONGRESSO LATINO AMERICANO: ESPORTE, EDUCAÇÃO E SAÚDE NO MOVIMENTO HUMANO, 3., 1996, Foz do Iguaçu. Anais... Cascavel: Gráfica Universitária, 1996. p. 38 - 49.

1908

GALLARDO, J. S. P; OLIVEIRA, A. A. B; ARAVENA, C. J. **O. Didática da Educação Física: a criança em movimento: jogo, prazer e transformação.** São Paulo: FTD, 1998. (Conteúdo e Metodologia).

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física Progressista: a pedagogia críticosocial dos conteúdos e a Educação Física Brasileira.** São Paulo: Loyola, 1991.

GAMBOA, S. S. **Epistemologia da pesquisa em educação.** Campinas: Práxis, 1996. (Tese de doutorado). GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3^a ed. São Paulo: Atlas, 1991. Cap. 4.

LA TAILLE, Y. de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992. 5ª ed. LA TAILLE, Y. de. Disponível em <http://www.youtube.com>. Acessado em 16/10/2023.

MORIN, E. *La Tête bien faite, Le Seuil.* 1999. **Em português: A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

1909

PALMA, A. P. T. V. et al. (Coord.). **Educação Física e a organização curricular: educação infantil e ensino fundamental.** Londrina: EDUEL, 2008.

PEREIRA, A. M. **Motricidade humana: a complexidade e a práxis educativa, 2006.** Tese (Doutorado em Ciência da Motricidade Humana) – Universidade da Beira Interior. Covilha, Portugal.

PIAGET, J. **O Julgamento Moral na Criança.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PIAGET, J. **A tomada de consciência.** São Paulo: Melhoramentos, 1978.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança.** São Paulo: Summus, 1994.

1910

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3^a ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SALADINI, A. C. **A Educação Física e a tomada de consciência da ação motora da criança, 2006.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista. Marília.

SANTOS, G. F. L. **Origem dos jogos populares: em busca do “elo perdido”.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

SÉRGIO, M. Educação Física ou Motricidade humana? 2^a ed. Campinas: Papirus, 1991. (Coleção Corpo e Motricidade).

SÉRGIO, M. Alguns olhares sobre o corpo. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

SILVA, E. V. M. e; VENÂNCIO, L. Aspectos legais da educação física e integração à proposta pedagógica da escola. IN: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (coord). Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

1911

SILVA, L. C. F. da. Intervenções em situações de conflitos interpessoais nas aulas de Educação Física. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina; Londrina, 2009.

TOJAL, J. Da educação física à Motricidade humana: a preparação do profissional. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista.** Telma Pileggi Vinha. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2000.